

A MOLÉSTIA AZUL

Drama

Texto de:
JULIO CARRARA

Escrita em 1996

PERSONAGENS:

YUKIO

PEDRO

KIMITAKE

VELHA

GUEIXA

QUATRO CRIANÇAS

ÉPOCA: Atual

CENÁRIO: Um ciclorama ao fundo do palco que possibilite muitos efeitos de luz. O cenário será dividido em três planos. O primeiro plano se passa no proscênio com um banco de praça no centro, um jardim e um lago; o segundo plano se encontra em toda a parte central. Neste plano está um tatami, que deverá ser cerca de vinte centímetros mais alto que o nível do palco. Um jardim e um lago à direita central e à esquerda central uma mesa de refeições com dois almofadões bordados. No centro está uma rampa que levam as personagens para o terceiro plano. O terceiro plano é constituído por uma plataforma de mais ou menos um metro e meio de altura. Do lado direito desta plataforma está a sala de brinquedos de Yukio contendo livros, bichinhos de corda e muitos jogos. Do lado esquerdo, o quarto do menino. Na parte traseira desta plataforma duas tapadeiras, uma à direita e outra à esquerda. O centro não deverá ser fechado, pois leva as personagens para os outros aposentos do Palácio. A ação está localizada no Brasil, especificamente no bairro da Liberdade, em São Paulo. As personagens são imigrantes japoneses.

PRÓLOGO

(Luz sobe em resistência até meia luz com o palco na penumbra. Apenas uma contraluz azul ilumina o ambiente. Entra Yukio, um menino de doze anos. Seu corpo magro é coberto por um quimono branco com flores brancas e negras. Seus passos são miúdos. Caminha até a sala de brinquedos. Olha para o ambiente e pega algum de seus brinquedos e fica olhando para o mesmo. Deixa-o alguns segundos depois. Sai da sala de brinquedos e caminha para o lago. Pega um pedaço de pão do bolso do quimono e joga o miolo na água para alimentar as carpas que existem ali. Terminada a tarefa, caminha até um balanço. Senta-se nele e fica olhando para o vazio. A coisa mais fascinante no garoto é o seu rosto branco, palidamente luminoso; os lábios também quase sem cor; seus olhos brilham como uma luz febril; sua pele alva parecia de porcelana a se azular. Suas mãos também acompanhavam aquela fragilidade de seu rosto. Lentamente começa a balançar-se. Pouco a pouco vai aumentando a velocidade do balanço e logo diminui esperando o balanço parar e permanece ali, fitando o horizonte com um olhar perdido. Black-out.)

CENA 1

(Luz sobe em resistência no primeiro plano. Sentado num banco está Pedro. Observa as crianças que estão brincando por ali. Um leve sorriso está em seu rosto amargurado. Ele olha para o lado e vê, sentada ao seu lado, uma velha japonesa, que sorri para ele. Pedro corresponde ao sorriso e volta a observar as crianças.)

VELHA

(Depois de uma pausa.) O senhor gosta muito de vir aqui, não?

PEDRO

Sempre que o tempo está bonito eu venho. Numa cidade como São Paulo, existem poucos lugares tão lindos como essa praça.

VELHA

Todos os dias eu o vejo contemplando os pombos... Depois se debruça sobre as águas do lago para olhar as carpas vermelhas... Em seguida procura este canto, para melhor observar as crianças.

PEDRO

(Admirado.) Como descobriu tudo isso?

VELHA

Também venho aqui quando o dia está bonito.

(Pedro olha bem para a Velha e percebe que seus olhos estão mais mongóis agora.)

VELHA

O senhor gosta muito de criança?

PEDRO

É a coisa mais linda da vida.

VELHA

Mas gosta mesmo? Jura que gosta mesmo?

PEDRO

Não preciso jurar, porque dentro do meu coração está a verdade.
(Pausa.) Antigamente, pintar e desenhar crianças, era o que eu mais gostava de fazer.

VELHA

E agora?

PEDRO

Agora não sei. Nada do que faço dá certo e pouca vontade tenho de fazer.

VELHA

Não acredita mais na sua arte?

PEDRO

No momento, não.

VELHA

Por quê?

PEDRO

O desânimo. O desinteresse. O tempo que passa. O peso das mãos sem vontade de nada realizar. Às vezes passo semanas inteiras sem fechar os dedos contra um pincel ou um lápis.

VELHA

Não acredita nos motivos? Na inspiração?

PEDRO

A verdade é que não acredito em mim mesmo. Parece que não desejo mais nada, que cheguei ao meu ponto máximo sem nada realizar, a não ser...

VELHA

O quê?

PEDRO

O limite da mediocridade alcançada. Só.

(Pedro sente vontade de fumar e apalpa os bolsos vazios. A velha sorri e retira do bolso do quimono um misterioso maço de cigarros.)

VELHA

Quer provar um desses? *(Pedro analisou o estranho cigarro que nunca tinha visto antes.)* Pode fumar sem susto. Eu também fumarei um.

(Acendeu o seu e depois o cigarro de Pedro que fechou os olhos e quando os abriu, parecia que o céu se tornara mais azul.)

PEDRO

São bons esses cigarros.

VELHA

Dão paz e calma. Traduzem um pouco da sabedoria milenar do Oriente. *(Pausa.)* Eu também adoro essa praça. Os seus pombos, suas árvores, suas crianças e, sobretudo, o Palácio Oriental.

PEDRO

(Sem entender.) O que foi que a senhora disse?

VELHA

Isso mesmo o que acabou de ouvir.

PEDRO

A senhora está querendo se referir ao quiosque chinês?

VELHA

Não, meu filho. Não existe nada igual ao Palácio Oriental...

PEDRO

(Curioso.) Mas onde?

VELHA

Vou te mostrar o caminho.

(Ambos se levantam e olham para o fundo da plateia.)

VELHA

Não lhe disse que é a coisa mais bonita do mundo?

PEDRO

(Encantado.) De fato. Tão lindo como um sonho. Infelizmente, ao acordar, toda essa beleza desaparecerá.

VELHA

Nunca mais. Enquanto houver um êxtase puro nas coisas belas, jamais estas coisas desaparecerão.

PEDRO

E agora?

VELHA

Agora nada... Preciso ir. O Palácio Oriental é seu.

PEDRO

(Inseguro.) Por que não vem comigo? Tenho um certo medo.

VELHA

Não há razão. *(Sorrindo.)* Você sabe que esse Palácio agora é seu.

PEDRO

(Com receio.) Devo me aproximar?

VELHA

Enquanto você se aproxima, eu digo o meu adeus...

PEDRO

(Implora.) Por favor...

VELHA

Minha missão foi cumprida. Você foi procurado no momento certo. Tudo na vida vem na hora em que está para vir.

PEDRO

E se... eu precisar voltar?!

VELHA

Saberá o caminho de ir e vir quantas vezes quiser. Aproveite, é tudo o que eu posso dizer. Cada momento que por aqui passar, ande como se caminhasse pisando em veludo, porque a ternura é doce demais.

(Sem se virar, escutou que os passos se afastavam, e no coração, num lapso de tristeza, sentiu maior a certeza de que talvez nunca mais visse a velha japonesa de rosto tão suave e belo. Black-out.)

CENA 2

(Luz sobe em resistência. Pedro entra no palácio e fica observando-o por um bom tempo. Yukio desce as rampas quase correndo enquanto uma voz masculina o chamava em tom bem alto.)

KIMITAKE

Yukio, Yukio... Cuidado, menino.

(Correndo quase ofegante, Yukio chegou até Pedro e segurou fracamente em suas mãos.)

YUKIO

Você veio. Eu sabia que você vinha...

(Pedro viu que os olhos da criança se encontravam cheios d'água e sua voz suplicava-lhe ao mesmo tempo em que respirava arfante e tentava segurar suas mãos com mais força.)

YUKIO

Por favor, fique. Não vá embora. Eu sei que você não vai embora, não é?

PEDRO

(Sorri para o rosto angustiado do pequeno menino.) Não, meu filho. Não irei embora.

(Kimitake, um velho vestido à moda japonesa, se aproxima dos dois e sorri falsamente para Pedro.)

KIMITAKE

(Dá uma bronca em Yukio.) Yukio, você não pode correr assim. Você sabe que não deve.

YUKIO

Titio, não o deixe ir embora. Não o deixe. Prometa-me.

KIMITAKE

Se você também prometer que sai desse sol e vai se sentar no terraço, eu prometo. *(Contudo o menino parecia não querer soltar as mãos de Pedro.)* O sol assim forte lhe trará febre e cansaço.

YUKIO

(Com os olhos lacrimejando.) Você fica?

PEDRO

Se você obedecer ao titio, eu juro que fico.

YUKIO

E vem brincar comigo no palácio?

PEDRO

Vou sim.

(Yukio desvirou-se e caminhou com calma. Subiu a rampa e quando estava na metade dela, parou para ver se Pedro não desaparecera e foi-se perder no interior do palácio.)

KIMITAKE

Como vai, Pedro? *(Pedro acha estranho. Como adivinhara seu nome?)* Nós o esperávamos há muito tempo. Meu nome é Kimitake, o Mestre. *(Saúda-o com um cumprimento.)* Foi bom você ter vindo.

PEDRO

Por quê?

KIMITAKE

Com o tempo você saberá. Só lhe pergunto se não sente um agradável bem-estar no coração, sente?

PEDRO

Como há muito tempo não sentia.

(Kimitake olha para os pés de Pedro, que está pisando de sapato no tatami. Pedro, ao perceber o fato, lembra-se da tradição oriental e imediatamente desamarra os sapatos, colocando-os num canto da sala. Kimitake o leva até o quarto de Yukio.)

YUKIO

Pedro, você vai ficar comigo, não vai?

PEDRO

(Torna a se impressionar com os olhos febris do menino.) Um pouco.

YUKIO

Um pouco não. O dia todo. Sabe, nós poderemos de tarde passear no jardim. Se a minha febre não aumentar, assim que o sol se esconder, titio deixa que eu brinque no lago, passeie no jardim e acaricie as flores. Você gosta de flores, não gosta, Pedro?

PEDRO

Muito.

YUKIO

Então seremos grandes amigos.

PEDRO

Mas acho que já somos grandes amigos.

YUKIO

Se somos. *(Para Kimitake.)* Titio, o senhor me deixa mostrar o palácio a ele?

KIMITAKE

Calma, Yukio. Você precisa descansar um pouco mais. Fez um esforço muito grande hoje. *(Toma o pulso do menino.)* Não falei?

(Bate palmas. Entra uma gueixa trazendo um comprimido e um copo d'água numa salva de prata. Ela põe o comprimido na boca do menino e lhe entrega o copo d'água.)

KIMITAKE

Beba devagar. Agora recline a cabeça e feche os olhos. Não se mova durante os cinco minutos necessários.

(Yukio segura à mão de Pedro e obedece mansamente às ordens recebidas. Pedro tornou a sorrir.)

PEDRO

Não tenha medo. Não vou fugir.

KIMITAKE

(Depois de um tempo.) Pronto, Yukio.

YUKIO

Puxa, titio, como demorou a passar.

KIMITAKE

Que modo de falar, menino. Você aprende o que não devia com muita rapidez.

YUKIO

Posso ir agora? Por favor.

KIMITAKE

Está bem. Mas nada de andar depressa ou subir no segundo pavimento, porque se aparentar cansaço serei forçado a deitá-lo, o que será pior.

PEDRO

Não se preocupe. Tomarei conta dele.

(Yukio e Pedro caminham de mãos dadas até a sala de brinquedos.)

YUKIO

Primeiro, Pedro, vou te mostrar a minha sala de brinquedos.

(Havia um mundo de jogos, livros e, sobretudo, bichinhos de cordas, macaco tocando bumbos, etc. Yukio sentou-se por um momento e olhou-o com muita tristeza.)

YUKIO

Contudo Pedro, nunca me deixaram brincar com uma bola. Eu trocaria tudo isso, e ainda a bola se a tivesse, para poder nadar no lago, brincar com as carpas...

PEDRO

(Depois de uma pausa.) Você viajou muito?

YUKIO

Quase o mundo todo. Enquanto havia esperança, viajavamos muito.

PEDRO

Esperança, Yukio? Esperança de quê?

YUKIO

(Conformado.) Esperança de que me curasse. Visitamos todos os especialistas do mundo. Sou um dos milhares de meninos escolhidos para um fim que não poderei explicar a você tão já. Um dia saberá...

PEDRO

Que idade você tem, Yukio? A sua sabedoria me confunde.

YUKIO

Doze anos, apesar de a minha fragilidade aparentar menos, não é? Mas não me importo.

PEDRO

E você não quer mais viajar?

YUKIO

Não se trata de querer. Não posso. Minha missão termina aqui. Escolhi o Brasil e essa praça, porque você, Pedro, faz parte da minha missão.

PEDRO

Por que o Brasil?

YUKIO

Por ser diferente. Totalmente diferente do nosso país. E por você. (*Mostra sinais de cansaço.*) Pedro, você se zangaria se eu mostrasse o resto amanhã? Estou cansado.

(*Pedro pega o menino no colo e leva-o até o seu quarto.*)

KIMITAKE

(*Aparecendo.*) Fez esforço demais...

YUKIO

Não é isso, titio. Eu só estava um pouco cansado.

KIMITAKE

Vamos tomar essa pílula, descansar quinze minutos e depois pensar em almoçar.

YUKIO

Você não vai embora, não é, Pedro? Você prometeu que ficaria para passearmos quando o sol estiver mais fraco.

PEDRO

Se você dormir bem quietinho, ficarei com você até o entardecer.

YUKIO

Pedro, chegue perto de mim. *(Pedro recosta a cabeça no rosto do menino.)*
Era só isso!

PEDRO

Durma em paz, meu lindo príncipe.

(Pedro sentiu um abalo na crosta do seu abandono. Por pouco não deixou a emoção transparecer em lágrimas.)

CENA 3

(Kimitake leva Pedro até a mesa de refeições na sala. Ambos ficam sentados em almofadões. Um leve constrangimento por parte dos dois. Kimitake bate palmas. A gueixa aparece e traz nas mãos uma bandeja, que de oferece ao patrão. Kimitake caminha até o centro do palco, no tatami e realiza a cerimônia do chá. Esse ritual deverá ser feito exatamente como os japoneses fazem, na sua íntegra. É uma cena lenta e os atores não devem se preocupar com a impaciência do público. Após a cerimônia Kimitake experimenta o chá e oferece a Pedro.)

KIMITAKE

Esse chá é uma verdadeira dádiva dos deuses. Experimente, garanto que não irá se arrepender.

(Pedro pega a tigela sem saber como manuseá-la. Kimitake o corrige, ensinando-o como se faz. Pedro se intimida e bebe o chá.)

KIMITAKE

Sou-lhe muito grato por ter vindo.

PEDRO

Na verdade, nem sei por que vim.

KIMITAKE

O destino se encarregará das respostas.

PEDRO

A verdade também é que estou contente por ter vindo.

KIMITAKE

O senhor precisa e deve me ajudar. Há muito tempo que o menino-príncipe não se interessa por coisa alguma ou por qualquer pessoa. O senhor poderia vir todos os dias, ou o maior número de vezes que pudesse? *(Engole a emoção.)* Precisamos dar a ele o máximo de ternura. Ainda mais para ele que tem os seus dias contados. *(Pausa.)* Ele sofre de uma doença denominada cianose, uma espécie de moléstia azul que o poderá levá-lo de um momento para o outro. Não existe idade quando ela precisa vir. *(Pausa.)* O senhor virá?

PEDRO

Farei o possível...

KIMITAKE

Pagaremos o que quiser para que o senhor venha.

PEDRO

Viria sem cobrar nada. Cobrar o quê? Pelo pouco de ternura que poderei dar e receber?...

KIMITAKE

Ao mesmo tempo receio que o senhor se apegue ao menino. Não quero que, ao partir, Yukio deixe um vazio maior na sua solidão... Quem sabe, se aqui não reencontraria motivos para a sua inspiração? Olhe que o palácio oferece maravilhas dificilmente iguais. Poderia trazer os seus pinceis, suas tintas, suas telas, enfim, o que quisesse. *(Pausa; dupla intenção.)* Mas não será obrigado a vir.

PEDRO

Mas virei. O senhor sabe que estou tremendamente apegado ao menino-príncipe.

YUKIO

(Aparecendo.) Já podemos, não podemos, titio?

KIMITAKE

Espere um pouco mais.

YUKIO

Isso é terrível, titio. Quando o sol desaparecer eu logo terei que entrar, porque o frio da tarde vai aparecer.

KIMITAKE

Deixe de reclamar, menino. Você hoje foi formidável. Comeu bem, descansou bastante e recebeu um grande amigo.

(Kimitake pega um pequeno chapéu de palha e coloca na cabeça da criança.)

YUKIO

Não gosto de abafar minha cabeça.

KIMITAKE

Não é gostoso mesmo. Mas é necessário. Depois você fica com um rosto tão lindo quando põe esse chapéu. O senhor não acha?

PEDRO

Fica tão lindo que um dia eu pintarei o seu retrato com esse chapéuzinho.

YUKIO

Promete que faz mesmo?

PEDRO

Juro.

YUKIO

Vamos...

KIMITAKE

Vá com calma, não corra, ouviu? (*Sai.*)

(*Yukio puxa Pedro pelas mãos e o leva até o lago.*)

YUKIO

(*Olhando as carpas.*) Vamos alimentar as carpas, Pedro. Eu trouxe miolo de pão escondido no bolso do quimono. Sempre faço assim. Titio não sabe que enfio a mão na água. (*Olha para Pedro, sorrindo*) Você não vai contar, vai?

PEDRO

Não, não contarei. Mas não permitirei que você fique muito tempo fazendo algo que o prejudique.

(Yukio enfia as mãos na água e joga o miolo do pão para as carpas. Troca de mão fazendo o mesmo. De repente o menino para e fita desesperado o rosto de Pedro.)

YUKIO

(Gemendo baixinho.) Pedro, minhas mãos estão geladas. A água está muito fria. Pedro, minhas mãos estão doendo muito.

PEDRO

Vem cá. *(Ajoelha-se e põe-se a massagear as mãos do menino.)* Está melhorando? Você não devia ficar muito tempo com as mãos dentro d'água...

YUKIO

Hoje eu abusei um pouco. Nas outras tardes eu apenas joga o pão. *(Pedro prende as mãos da criança contra as suas.)* Que mãos quentes você tem, Pedro!

(Yukio, tomado de súbita ternura, traz as mãos de Pedro até o seu rosto e alisa-se nelas. depois vira a boca e beija as mãos do homem.)

PEDRO

Não faça assim, meu príncipe.

YUKIO

Por quê?

PEDRO

Você é um príncipe. Eu é que deveria beijar as suas mãos.

YUKIO

Pedro, você não entende. Eu não estou beijando as suas mãos. Eu beijo as mãos da vida. É tão difícil para eu viver e você está me concedendo a vida. Tão fácil certas coisas para os outros, mas para mim, especialmente para mim, a coisa mais difícil da vida, é viver...

(Cala-se emocionado e solta as mãos de Pedro.)

PEDRO

Suas mãos estão quentes até demais.

YUKIO

É assim mesmo. *(Pausa.)* Pedro, você seria capaz de me responder uma pergunta com toda a sinceridade?

PEDRO

Não é de o meu feitio mentir.

YUKIO

Eu sou um menino horrível, não sou?

PEDRO

Não é verdade. Você é o menino mais lindo e mais terno que conheci até hoje.

YUKIO

Obrigado, amigo.

(Yukio pega duas flores.)

PEDRO

Que lindas flores, Yukio.

YUKIO

De que flores você fala?

PEDRO

De todas.

YUKIO

Para mim existem duas flores importantes, Pedro. E elas estão aqui. *(Abre a mão direita.)* Essa é a flor branca da vida. *(Derruba a flor no chão e abre a mão esquerda.)* E essa é a mais linda das flores. A mais escura, a mais calma; a flor da ternura e da morte.

(Derruba a flor.)

PEDRO

O que foi meu príncipe?

YUKIO

Pedro... estou me sentindo mal. Estou com frio. Com muito frio. Me leve daqui.

(Desmaia nos braços do homem. Pedro nota que o menino arde em febre e fica desesperado. Black-out.)

CENA 4

(Interior do palácio. Pedro está no andar de baixo, andando de um lado para o outro. Caminha sem parar esticando as horas da angústia. No andar de cima, a gueixa faz compressas no menino que delira muito. Kimitake sai do quarto de Yukio e caminha até Pedro.)

KIMITAKE

Pedro, você está pálido. Desaparecendo de magro! Precisa comer melhor. *(Bate palmas. A gueixa aparece.)* Traga para Pedro uma tigela de arroz...

(Gueixa sai.)

PEDRO

Não tenho fome.

KIMITAKE

Mas vai comer... Há três dias e três noites que não põe nada no estômago...

(Gueixa aparece com uma tigela de arroz branquinho e fumegante. Pedro caminha até a mesa e senta-se nos almofadões bordados. Olha desanimado para a refeição. Nunca experimentara e não iria nunca acertar comer com ohashi. Kimitake ordena à gueixa.)

KIMITAKE

Traga talheres para o senhor. *(Pausa.)* Eu comerei sushi. É mais digestivo, acho eu. Se o senhor quiser um pouquinho de sakê é só pedir. O senhor precisa se alimentar bem. Está bastante magro...

(Gueixa volta com os talheres. Entrega-os para Pedro e sobe para o quarto do menino. Pedro coloca um, dois, três bocados de arroz na boca e desiste.)

PEDRO

Não consigo comer.

KIMITAKE

O senhor precisa comer alguma coisa.

PEDRO

Não, não comerei nada. Ficarei sem comer enquanto o meu menino-príncipe estiver mal.

(Gueixa desce para o andar de baixo e cochicha com Kimitake.)

KIMITAKE

Pedro, o menino quer te ver.

(Pedro, muito fraco, caminha até o quarto do menino. O quarto vestia-se de penumbra. Pedro recebe ordens para não demorar muito. Ao chegar perto do menino, recosta o ouvido junto à boca dele para poder ouvir o que diz.)

YUKIO

Pedro, meu amigo... Eu queria tanto levar você! Queria que fosse comigo visitar o Palácio de Ouro do meu pai.

PEDRO

Um dia eu irei com você. Você me prometeu que me levaria, lembra? Eu esperarei.

YUKIO

Eu vou dormir, Pedro. Preciso dormir muito. Estou muito cansado.

PEDRO

(Chorando.) Feche os olhos e durma em paz, meu lindo príncipe japonês.

YUKIO

(Com a voz sumida.) Virei te buscar, meu amigo.

(Pedro passa as mãos de leve sobre os cabelos de Yukio e sentiu, além da febre, o fraquejar de sua pequena respiração. As mãos de Kimitake o puxaram para fora do quarto.)

KIMITAKE

Só os parentes podem assistir ao “adormecer” de um príncipe... *(Leva Pedro até a sala.)* Agora volte para casa e procure descansar um pouco. Tudo o que poderia fazer em matéria de ternura, o senhor fez.

(Pedro sai do palácio. Kimitake olha-o com desprezo. O pintor caminha até a praça e é isolado por um foco de luz. Kimitake, no tatami, pega um revólver, engatilha-o e aponta para o seu coração.)

PEDRO

(Gemendo baixinho.) Ah, meu príncipe. Meu belo príncipe.

YUKIO

(Agonizando.) Pedro, meu amigo, meu grande amigo, eu volto para te levar comigo. Meu amigo, amigo, amigo... *(Morre.)*

(Kimitake, ao mesmo tempo, dispara a arma e cai morto.)

PEDRO

(Pressente a tragédia e grita com todas as suas forças.) Nããããooooo!!!

(Desaba no chão, impotente. Black-out.)

CENA 5

(Tudo se reveste de preto, branco e vermelho. Entram homens com máscaras do teatro nô japonês. Exibem lanternas e estas iluminavam as máscaras. Um quadro pintado por Pedro mostra Yukio com o chapeuzinho. Este quadro desce do urdimento e permanece

até o fim da peça. Um menino trajando um quimono branco e com uma máscara de nô estende os braços. Está no plano alto. Os homens, num ritual, ajoelham juntos, ficando de costas para o público e de frente para o garoto. A ideia é passar para o espectador o enterro de Yukio através de uma cena de teatro nô. Os homens se levantam e vão saindo de cena. Os olhos da multidão atrás da máscara possuíam uma impressão: a piedade. E por trás de todos os olhos, o azul do céu dominava, como sempre, um mundo de mistério.)

EPÍLOGO

(Pedro está sentado em seu banco da praça. Fecha os olhos. Não queria pelo menos neste dia, olhar os pombos, nem os peixes, nem as crianças que brincavam ali. Nunca a cidade lhe pareceu mais vazia, as ruas tão sem ruídos e a vida sem qualquer música. Surge a velha japonesa e fica observando-o por um bom tempo.)

VELHA

(Quebra o silêncio.) Por que tanta tristeza? Não gosto de te ver assim. Faz dois dias e duas noites que se encontra aqui neste banco. Sai, volta, volta, sai. Às vezes o vejo ficar até altas horas da noite perdido nos seus pensamentos. E isso faz mal. O senhor está muito doente, muito abatido. *(Pausa.)* As tardes e noites de julho aparecem ainda mais frias. E essa friagem forte só poderá te fazer mal.

PEDRO

(Sem abrir os olhos.) Nada mais poderá fazer mal ao meu corpo. Eu já morri.

VELHA

(Tira um cigarro do quimono.) Quer um cigarro?

PEDRO

Não posso. Se fumar, passo mal... Ficarei recostado a noite inteira tentando enfiar o ar dentro dos pulmões. (*Abre os olhos, sorri amistosamente e continua a confissão.*) Sabe, eu não tenho o coração muito bom. O médico me proibiu de fumar e de beber.

VELHA

Sendo assim é melhor que não fume... Vou lhe dizer uma coisa. Você deveria se cuidar. Está tão pálido que sua pele está adquirindo um tom de fraqueza azulado.

PEDRO

(*Olha o braço.*) É, eu sei.

VELHA

Eu gostava mais quando o senhor aparecia com alegria no rosto e no olhar. Quando vinha aqui, se sentava nesse mesmo banco e se punha a desenhar meninos, peixes, flores, tudo... E ainda o Palácio Oriental.

PEDRO

E a senhora via os meus desenhos?

VELHA

Sempre. O senhor ficava tão distraído que nem notava minha presença. Só uma vez lhe ofereci cigarro e aceitou...

PEDRO

Aqueles desenhos eu os transformava em grandes quadros e pinturas. Eram apenas esboços.

VELHA

E onde estão?

PEDRO

Devem estar no meu atelier. Levei madrugadas trabalhando neles... Agora vou embora. A senhora tem razão. Faz bastante frio e não estou muito agasalhado.

VELHA

Posso lhe dizer uma coisa?

PEDRO

Claro que pode.

VELHA

Cuide-se bem, meu rapaz. A vida é uma só. Não gosto de te ver assim. Estou lhe dizendo isso porque você poderia ser o filho que nunca tive. Mas a verdade é que não gosto de te ver assim, com esse jeito de príncipe doentinho... Tome muito cuidado com... a moléstia azul.

(Velha sorri e caminha. Pedro, só, declama uma poesia.)

PEDRO

*“Sou um bagaço, moído, esfiapado, esmigalhado
Que a gente pisa no chão...
Se algum dia tu fores num caminho
e sentires sob os teus pés
Um bagaço, moído, esfiapado, esmigalhado...
Pisa de leve, sim?
Pode ser o meu coração...”*

(Noutro tom.) Yukio, alma de minha ternura, onde anda você? Que saudade eu tenho de você e de suas carpas...

(O lugar onde ele estava parecia se azular. Um vulto, pequeno e ligeiro, caminhava para ele. Foi preciso passar as mãos nos olhos para acreditar no que estava vendo... Yukio corria para ele. De longe já trazia os braços abertos para abraçá-lo.)

YUKIO

Pedro. Não é sonho, Pedro. Sou eu mesmo. Olhe-me bem...

(O rosto de Yukio tinha perdido aquela tonalidade azul e doentia de porcelana transparente; suas mãos estavam sazoadas de sol e sua pele apresentava um afogamento rosado e sadio.)

YUKIO

Eu prometi e quero cumprir.

(Toma o rosto de Pedro contra o seu, estreitando com a maior carícia que poderia existir.)

YUKIO

Vim buscar você. Iremos para o Palácio de Ouro do meu pai e seremos sempre felizes. Para sempre felizes. Vamos brincar muito e não estaremos mais presos a qualquer condição de dor.

(Abaixou-se e pôs as mãos na água do lago. O realismo do cenário deixa de existir.)

YUKIO

Viu Pedro? Posso quando quiser brincar com a água que não ficarei congelado e não sentirei qualquer dor.

(Com as mãos ainda úmidas segurou o rosto de Pedro e pode olhar até o fundo de sua alma.)

YUKIO

Você se lembra que eu fazia questão de perguntar, de insistir em perguntar, se gostava muito de mim?

PEDRO

Nunca pude esquecer.

YUKIO

Você se lembra quando eu perguntava se eu era um menino horrível?

PEDRO

Lembro.

YUKIO

Não queria que em momento algum você me achasse feio...

PEDRO

Eu nunca o achei.

YUKIO

(Pega as flores do chão.) O que tenho na mão direita?

PEDRO

A flor branca da vida.

YUKIO

(Joga a flor branca no chão.) E nessa outra?

(Pedro não podia responder de tão fascinado que estava.)

YUKIO

A flor escura da ternura, Pedro. Essa nós a conservaremos sempre. Pedro, eu sou essa flor.

PEDRO

(Estende-lhe as mãos.) Vamos?

YUKIO

(Segura na mão de Pedro. A flor negra deverá estar entre as mãos deles.)

Vamos...

(Caminham para o fundo do palco. Quando chegam ao terceiro plano, a imagem dos dois fica congelada. Uma forte neblina azul faz desaparecer as duas figuras. Black-out.)

FIM

Abril/1996